

88: EM CENA, AS NOSSAS VÍSCERAS

Por Felipe de Menezes¹

Oitenta e oito é uma dezena emblemática na história do nosso País. A década, seja no Século 19 ou no 20, é oportuna para falar de uma parte majoritária da nossa sociedade, o povo preto. Em 1888, através de uma farsa montada às duras penas, houve a publicação da Lei 3.353, que declarou extinta a escravidão de pessoas. Cem anos depois, em 1988, é promulgada a Lei Fundamental do Brasil – que vigora até os nossos dias. Emblemático o número 88 que legisla até hoje sobre os nossos corpos, os corpos pretos.

E esse foi o detonador para que duas jovens atrizes negras, Jéssica Mendez e Tamara Louise, da Cia Aya, de São José dos Campos, erguessem um espetáculo que fala, sobretudo, das nossas existências em um território forjado sobre suor e sangue da gente preta.

Pessoas negras tiveram espaço no teatro, em meados do Século 18, representando, inclusive, personagens brancas. Esses atores eram escravos alforriados. Só foi possível essa subida ao palco porque o teatro era um lugar desprestigiado na sociedade colonial. Quando tempos depois, aí sim, o teatro passa a ser uma escola de moralidade e se torna uma vitrine para bons modos europeus, os negros são expulsos da cena e só entram (quando entram) como sujeitos representados por pessoas brancas. Estamos falando do Século 19 e depois.

Portanto, duas atrizes pretas, quando sobe ao palco é para vingar toda a dor e revolta de uma ances(tea)tralidade negrina que nunca teve, de fato e de direito, espaço para a expressão – mesmo que a Constituição de 88 assegure igualdade (quando deveria ser equidade). Quantos negros trabalham com teatro em São José dos Campos?

¹ Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).

Quantas peças de teatro apresenta e expressa temas sobre a vida, os sonhos, as alegrias e dificuldades dessa parte da população? Que negros estão nos espaços de decisão sobre as políticas públicas para a área da cultura em São José dos Campos? Talvez, esse número não chegue a 88. Ou não chegaria a 8? Contas aparte, essa realidade se impõe. Em cima dela, temos o direito e o dever de criar espaços para que as pessoas pretas possam produzir, criar, circular e trabalhar - bem remuneradas - com teatro. 88 grita, também, por isso, aliás.

Oitenta e oito é um espetáculo teatral que, como dissemos, foi produzido pela Cia Aya, de São José dos Campos, que foi apresentado no Cine Santana, no dia 8 de setembro, durante o 37º Festivale. A peça, dirigida por Edson Gory, faz um painel em duas épocas distintas, de duas mulheres, Ada e Filipa, ambas ex-escravizadas, interpretadas por Jéssica Mendez e Tamara Louise. Ao longo da narrativa é possível conhecermos o vínculo de amizade e cumplicidade entre duas mulheres pretas (tanto no campo ficcional como fora dele).

Para que não nos esqueçamos dos horrores de um tempo - não tão longe assim -, é que se traz à cena histórias e fatos sobre pessoas que nunca tiveram meios para se expressar livremente. Assim como qualquer pessoa, o peso da culpa, que vem muito através de um tom cristão, é apresentado a nós, espectadores, em uma emblemática cena com um recém-nascido. Seja preto ou não, a culpa cristã atravessa nossos corpos. Não deveria ser assim, mas é, infelizmente.

Em cena duas preciosas e talentosas atrizes que não se intimidam em nos apresentar histórias de vidas tão intensas, com todas as licenças possíveis, dos nossos ancestrais. Jéssica e Tamara estão brilhantes nesse trabalho, atrizes dispostas física e ideologicamente para o trabalho, rerepresentado no Festivale. Foi um prazer conhecer a cena preta de São José dos Campos.

Reitero que o trabalho merece ainda um olhar mais atento ao tecimento dramatúrgico para dar os requintes necessários às ideias das artífices e, assim, a direção, possa imprimir um conceito de encenação.

Vida longa a Cia Aya e todes seus artífices, a saber: Edson Gory, Jessica Mendez , Tamara Louise, Ivani Melo, Tainã Moreno, Allex Cardozo, Abiola Akandé Yayi, Cibele Mateus, Miguel Ramos, João Oliveira , Pedro Dias e Du Navarro.